

O Papel da Homeopatia na Alemanha Nazista: Uma Avaliação Histórica

Robert Jütte*

RESUMO

Uma das questões ainda polêmicas diz respeito da relação entre homeopatia e os homeopatas e o nazismo. O presente artigo representa resultados parciais de uma pesquisa em andamento, abordando vários dos tópicos em debate. Além da menção dos casos específicos de homeopatas perseguidos pelo sistema e aspectos controversos sobre a experimentação de medicamentos, particularmente em humanos, discorre-se sobre o contexto histórico: inicialmente a conjuntura político-social favoreceu as medicinas ditas alternativas, marginalizadas até essa época pela medicina oficial. Destaca-se que a palavra “homeopatia” não aparece nem uma única vez nos registros dos processos médicos de Nuremberg.

Palavras-chave

Homeopatia; História; Século XX; Alemanha; Nazismo

ABSTRACT

A still polemical issue concerns the relationship between homeopathy and homeopaths and Nazism. This article represents partial results of an ongoing research and addresses some of the topics under debate. Besides a discussion the specific instance of homeopaths pursued by the regime and controversial aspects on experimentation of remedies, particularly on human beings, it elaborates on the historical context: initially, the political and social conjuncture favored so-called alternative medicines, which had been marginalized until that moment by conventional medicine. It is highlighted that there is not one only mention to the word “homeopathy” in the records of Nurnberg’s medical trials.

Keywords

Homeopathy; History; 20th century; Germany; Nazism

Introdução

Os críticos da homeopatia ainda consideram-na suspeita por ter recebido apoio de representantes notáveis do regime nazista, insinuando, desse modo, que houve algum grau de consenso ideológico. Certamente, trata-se de uma interpretação histórica equivocada, pois houve, no geral, mais médicos membros do partido nazista e das SS, do que de qualquer outra categoria profissional (1). Deve ser apontado também que todos os médicos condenados nos processos médicos em Nuremberg, por crimes contra a humanidade, eram representantes da medicina convencional; a palavra “homeopatia” não aparece nem uma única vez nos registros (2). Acusações sem fundamento tendem a ter uma longa vida, por esse motivo, o presente artigo

* Diretor do Instituto de História da Medicina da Fundação Robert Bosch, Stuttgart, Alemanha.
✉ robert.juette@igm-bosch.de

apresenta um breve panorama dos fatos históricos, destacando o papel que teve a homeopatia durante o período nazista.

Ideologia partilhada

Em outubro de 1933, o chefe da câmara dos médicos do Terceiro Reich, Dr. Gerhard Wagner (1888-1939) publicou uma convocatória na revista médica *Deutsches Ärzteblatt*, convidando “todos os médicos alemães engajados na medicina biológica” a se unirem. Entre outras coisas, escreveu que havia terapias não alinhadas com a medicina hegemônica, mas que mesmo assim, eram bem sucedidas ou até mesmo superiores à medicina ensinada nas universidades. Não foi surpresa, que os editores da principal revista homeopática, que também servia como porta voz da associação homeopática, recebessem com grande entusiasmo a convocatória de Wagner, mostrando seu interesse em cooperar.

Numa carta aberta endereçada a Hitler, o editor da *Allgemeine Homöopathische Zeitung*, Dr. Hans Wapler, enfaticamente concluiu: “Não pode haver qualquer médico nacional-socialista que – se informado disso - deixará de reconhecer a importância crucial que a avaliação política feita por Hitler do *Similia similibus* teve para a Alemanha” (3).

Os naturopatas e os homeopatas, que precisaram combater seu estatuto de “marginais” durante a República de Weimar, subitamente se encontraram apoiados pelo novo regime. Na época da marginalização, a pressão externa os havia forçado a fechar a frente, a fim de repelir os ataques da poderosíssima medicina oficial. Em 1922, essa união de abordagens médicas alternativas quebrou. A partir desse momento, cada uma batalhou independentemente para enfatizar sua própria força e beneficiar-se do apoio prometido pelos nazistas. Eles também temiam que a própria doutrina estivesse em risco diante de uma possível “síntese” das diversas abordagens terapêuticas. Nesse contexto, alguns médicos homeopatas expressaram sua preocupação acerca da possibilidade da doutrina de Hahnemann vir a ser adulterada até não ser mais reconhecida, se caso os medicamentos homeopáticos fossem aplicados de maneira indiferenciada e descuidada pelos partidários da nova “medicina biológica” (4). Outros, no entanto, exibiram menos relutância a este respeito, estando dispostos a aceitar a “diluição e adulteração dos princípios homeopáticos fundamentais” (5) em troca do reconhecimento do novo papel dos médicos como “líderes em saúde”.

Em 25 de maio de 1935, um ano e meio após a convocatória de Wagner, foi fundado em Nuremberg um consórcio em prol de uma nova medicina alemã (“*Reichsarbeitsgemeinschaft für eine Neue Deutsche Heilkunde*”), que incluía organizações como as sociedades alemãs de psicoterapia, balneologia e climatologia, a associação de médicos homeopatas alemães, a associação de médicos Kneipp, a associação dos naturopatas, a associação dos sanatórios alemães privados e a federação de médicos antroposóficos. O nome do consórcio visava difundir a idéia de que não se tratava de uma mera união de diversas abordagens médicas, mas de um conceito completamente novo de saúde alinhado com a filosofia nazista.

A maioria dessas associações – com poucas exceções no movimento naturopata e de reforma da vida – considerava-se apolítica (6). Não se pode negar certa proximidade ideológica entre esses movimentos de massa de críticos da medicina e a ideologia nazista, todavia, apenas mostra uma das faces de *Jano*: ambos os lados favoreciam a naturalidade, eram críticos da civilização e hostis à ciência e ao profissionalismo. Por isso, não é surpreendente que um número de proeminentes líderes nazistas apoiasse o movimento a favor das medicinas populares e naturais. O principal representante de Hitler, Rudolf Hess, apoiava clínicos alternativos e foi o patrono do 12º Congresso Internacional de Homeopatia, realizado em 1937 em Berlim. Heinrich Himmler, o chefe nacional das SS, interessava-se pelas ervas medicinais e defendia a reforma nutricional.

Julius Streicher, líder nazista distrital e editor do periódico *Der Stürmer*, opunha-se vigorosamente às vacinas, como também o faziam muitos simpatizantes da homeopatia e da naturopatia.

Embora o “Consórcio” já estivesse dissolvido no início de 1937, a união das associações leigas continuou existindo até 1941. Ao dissolver-se o “Consórcio”, o regime não estava voltando atrás em sua política de saúde, mas já era evidente que desde que os nazistas haviam conquistado o poder o tão louvado conceito de uma “síntese” médica havia mudado significativamente. Os objetivos, agora, não eram mais criticar a medicina convencional e procurar a igualdade de status, mas pesquisar procedimentos homeopáticos e naturopáticos para os quais “a medicina hegemônica oficial e, amiúde injustamente atacada, fornece uma base sólida e conhecimento certo” (7), como explicava o médico principal do Reich, Wagner, em uma publicação programática. A desejada “síntese” entre a medicina hegemônica e a naturopatia, ainda meramente uma discussão retórica e conceitual no começo da guerra, só foi ocasionalmente realizada na prática no final do Terceiro Reich, por exemplo, nos hospitais homeopáticos e naturopáticos que existiam na época em Berlim, Bremen, Dresden, Gera, Hamburgo, Colônia, Munique, Nuremberg, Recklinghausen, Stuttgart e Wuppertal. O sucesso espetacular nunca aconteceu, apesar de um número de pequenas tentativas exitosas.

Homeopatas perseguidos pelos nazistas

À diferença de outros médicos como dermatologistas e oftalmologistas, não há até o presente estudo informações sobre o destino dos homeopatas que tiveram que abandonar o país depois de 1933 por motivos “raciais” ou políticos. Entre as vítimas contam-se homeopatas muito conhecidos: o Dr. Otto Leeser (1888-1964) que emigrou para a Inglaterra, via Holanda, devido a seus antecedentes judaicos; o Dr. Martin Gumpert (1897-1955), autor de uma famosa biografia de Hahnemann, foi forçado a emigrar em 1936; o homeopata norte-americano Edward C. Whitmont (1912-1998), também interessado em psicanálise, era originário de Viena e mal acabara de concluir os estudos de medicina quando teve que fugir aos Estados Unidos em 1938; William Gutman (1900-1991), também nascido em Viena, emigrou para Nova Iorque em 1938 onde ensinou homeopatia numa faculdade de medicina.

Ensaio clínico e experimentação de medicamentos

Entre 1936 e 1939 foram realizadas experimentações de medicamentos em vários hospitais homeopáticos a serviço das autoridades de saúde do Reich. O “propósito principal era pesquisar a confiabilidade das patogenias anteriores e a validade das imagens medicamentosas baseadas nelas” (8).

A equipe de pesquisa incluía o médico homeopata Prof. Dr. Hanns Rabe (1890-1959), o clínico geral Prof. Dr. Werner Siebert (1897-1951) e os professores de farmacologia Gustav Kuschinsky (1904-1992) e Richard Bonsmann (datas de vida não conhecidas). O médico Fritz Donner (1896-1979) que, na época, clinicava no departamento de homeopatia do Hospital Rudolf Virchow em Berlim, também participou desse programa. Os opositores à homeopatia gostam de citar o relatório não publicado de Virchow sobre essas experimentações, como prova do grande interesse do regime nazista pela homeopatia de um lado, e, do outro, como demonstração da ineficácia do método homeopático.

Esse relatório como fonte é problemático, porque foi redigido só duas décadas depois do final da Segunda Guerra Mundial e é fortemente subjetivo. Quando a guerra começou em 1939, as experimentações cessaram abruptamente sem que fosse produzido um relatório conclusivo.

Segundo Donner, os documentos originais sobreviveram à guerra, mas ainda não foram localizados e temos que dá-los como perdidos. Por isso devemos ser cautelosos, como aponta Harald Walach com toda razão, e não “jogar fora o bebê junto com água do banho e considerar todos os resultados homeopáticos como efeito placebo” (9) utilizando o relatório de Donner como única fonte.

Durante o Terceiro Reich foram realizados ensaios clínicos homeopáticos exclusivamente no Hospital Homeopático de Stuttgart até 1940, cujo diretor era Alfons Stiegele (1871-1956). O sucessor desse hospital, o “Robert-Bosch Krankenhaus” foi inaugurado em 1940, mas a pesquisa clínica foi suspensa devido à guerra. Só depois do final da Segunda Guerra Mundial que foram publicados estudos de casos individuais como “demonstração clínica da medicina homeopática” (10).

Experimentos em seres humanos

Até os dias de hoje, a homeopatia é acusada de ter participado em experimentos desumanos nos campos de concentração. Nesse contexto, a plantação de ervas medicinais de Dachau – um projeto das SS – é mencionada freqüentemente; no entanto, seu objetivo era de cultivar ervas medicinais a fim de ficar independente do mercado internacional. O laboratório de lá também era só utilizado para produzir novas “drogas e misturas com base em pesquisa científica” (11). O documento citado aqui não menciona experimentos terapêuticos. Hortelã e outros chás, especiarias e ervas medicinais também foram cultivados no campo de concentração de Ravensbrück.(12)

Em contrapartida, experimentos em seres humanos foram realizados, a serviço de Himmler, com os sais tissulares de Schuessler, que também pertencem ao campo da homeopatia, na expectativa de achar um equivalente alemão para a penicilina. (13) No campo de concentração de Dachau, outro grupo de experimentação, composto por prisioneiros internados na enfermaria de fleimões, também teria recebido tratamento homeopático. Esses prisioneiros haviam tomado várias misturas de chás de ervas depois do diagnóstico iridológico realizado por um tal Dr. Fialkovski da Polônia.

Carolin Geidobler, em seus estudos sobre experimentos em seres humanos no campo de concentração de Dachau, assinala que as pessoas deste grupo apresentaram uma maior probabilidade de sobreviver por causa do consumo de líquidos e um menor sofrimento (14). Deve ser mencionado que, de acordo com o fazendeiro austríaco Walter Neff (1909-1960) que esteve preso em Dachau por ordem do chefe das SS, Heinrich Himmler, havia sido estabelecida lá uma enfermaria experimental para pacientes com tuberculose a fim de averiguar se a homeopatia podia curar prisioneiros com doenças pulmonares (15). Não são conhecidos mais detalhes desses experimentos.

Conclusão

Os médicos homeopatas têm mais dificuldade para aceitar o passado do que outros médicos (16). O mesmo vale para outras medicinas alternativas (17). Só na década de 80, que a então bem estabelecida Associação Alemã Central de Médicos Homeopatas aceitou em seu periódico um artigo que apresentava uma reflexão crítica sobre o papel da homeopatia no Terceiro Reich (18).

Embora a proximidade dos círculos políticos houvesse sido desejável no passado, depois da guerra, os homeopatas afastaram-se deles. Quando a *Allgemeine Homöopathische Zeitung* voltou

a ser editada em 1948, o editorial mencionava “as circunstâncias políticas desafortunadas do passado”. Simultaneamente, dizia que a revista continuaria seu caminho, “imune a toda corrente política, totalmente neutra ao serviço da ciência pura e aplicada” (19). Os novos editores permaneceram vergonhosamente em silêncio a respeito do fato de que seus predecessores, especialmente Hans Wapler (1866-1851) haviam mudado seriamente o curso e navegado diretamente para águas nazistas. É, justamente, este papel não resolvido da homeopatia entre 1933 e 1945 que ainda fornece munição para as armas de seus oponentes.

Referências

1. Süß W. Der ‘Volkskörper’ im Krieg: Gesundheitspolitik, Gesundheitsverhältnisse und Krankenmord in nationalsozialistischen Deutschland 1939-1945. Munich: R. Oldenbourg; 2003.
2. Dörner K, Ebbinghaus A, Linne K, ed. Der Nürnberger Ärzteprozeß 1946/47: Wortprotokolle, Anklage und Verteidigungsmaterial, Quellen zum Umfeld: Erschließungsband zur Mikrofiche. Munich: K. G. Saur; 2000.
3. Wapler H. Noch einmal „Similia similibus“ als Leitgedanke in Politik und Medizin. Allgemeine Homöopathische Zeitung 1933; 181: 317-9.
4. Fischer C. Das naturheilkundlich-biologische Denken in der Behandlung der Haut- und Geschlechtskrankheiten. Hippokrates 1937; 8:521-526.
5. Fassbender M. Naturheilkraft – Naturheilkunst. Hippokrates 1937; 8:284-9.
6. Karrasch B. Volksheilkundliche Laienverbände im Dritten Reich. Stuttgart: Hippokrates-Verl; 1998.
7. Klare K, ed. Neue Wege der Heilkunde: Zeitstimmen. Stuttgart: Hippokrates-Verl; 1937. 9.
8. Donner F. Bemerkungen zu der Überprüfung der Homöopathie. Library of the Institute for the History of Medicine, Robert Bosch Foundation, Sig. H/k/Donn, no date, 5.
9. Walach H. Die Untersuchung der Homöopathie durch das Reichsgesundheitsamt 1936-1939. Zeitschrift für Klassische Homöopathie 1990; 34:252-9, 257.
10. Baumann H. Klinische Demonstrationen zur homöopathischen Arzneimittellehre. Hippokrates 1947; 18:320-329.
11. Sigel R. Heilkräuterkulturen im KZ: Die Plantage in Dachau. Dachauer Hefte; 1988.4(4): 164-73, 166.
12. Jacobeit W. Ganzheitlich orientierte Produktionsweisen in der NS-Zeit: Die biologisch-dynamische Wirtschaftsweise in den landwirtschaftlichen Versuchsgütern der SS; 1939-1945. <http://www.lohengrinverlag.de/jacobeit.htm> (last accessed on August 13, 2007).
13. Zámečník S. Das war Dachau: Foundation Comité International de Dachau. Dachauer Hefte 1988;4(4): 128-43, 138.
14. Geidobler C. Menschenversuche im KZ Dachau: Facharbeit aus dem Fach Geschichte. Kollegstufenjahr; 2002/2004. <http://www.iivs.de/~iivs8205/res/facharbeitenarchiv/G-Geidobler%20Carolin-Die%20Menschenversuche%20im%20KZ%20Dachau.pdf> (last accessed on August 13, 2007).
15. <http://members.aol.com/zbdachau/fates/ger/neff.htm> (last accessed on August 13, 2007).
16. Jachertz N. Phasen der „Vergangenheitsbewältigung“ in der deutschen Ärzteschaft nach dem Zweiten Weltkrieg. In: Geschichte der deutschen Ärzteschaft, ed. Jütte R. Cologne: Deutscher Ärzte-Verlag; 1996, 275-88
17. Sievert LE. Naturheilkunde und Medizinethik im Nationalsozialismus. Frankfurt/Main: Mabuse-Verlag; 1996.
18. Schmeer EH. Die travestierte Homöopathie: Mimikry im Dritten Reich. Allgemeine Homöopathische Zeitung 1988; 234:10-14.
19. Schoeler H. [editorial]. Allgemeine Homöopathische Zeitung 1948; 193:1